

De tarde

Era realmente uma bela moça. Só o simples facto de olhar para ela me invadia o espírito de felicidade. Poderia ficar ali, para sempre, naquela tarde.

Mas, ignorando os meus desejos, o tempo passava e, quando reparei, já o sol se punha. Ficámos os dois a observar tal espetáculo, deitados na relva fofa, macia e molhada. Acho que adormeci, pois não tenho a mais vaga ideia do que terá acontecido entretanto. Acordei com o cheiro da noite e olhei para o lado. Lá estava ela, o meu desejo mais profundo, adormecido e sonhador.

Também ela acordou, e notei em coisas que nunca tinha notado: seus lábios eram rosados como o ramalhete rubro das papoulas; suas mãos delicadas como o mais puro dos cristais. Toda ela era de uma beleza incomparável, mais bela que todo o mundo.

– Sois bela, senhora! – ouvi a minha voz dizer.

– Deverei aceitar isso como um elogio, nobre senhor? – perguntou ela.

– Claro! Não espereis outra coisa de mim que não isso. – esclareci eu.

Ela riu-se, um riso doce, e olhámo-nos nos olhos. Percebemos que não queríamos que aqueles momentos acabassem. Então, deitámo-nos abraçados a contemplar as estrelas. E a contemplar as estrelas ficámos.

Rita Soares

8.ºE

2017/2018